HISTÓRIAS PERDIDAS

DOSSIÊ DE PESQUISA

Antiga Escola Trapista do Berizal

Um vestígio do projeto educacional dos monges às margens do Paraíba
Local desaparecido
Tremembé
Início do século XX — escola registrada no Berizal em 1910
Interpretação



A HISTÓRIA POR TRÁS DA HISTÓRIA

O lugar e sua memória

No início do século XX, os monges trapistas mantiveram no Berizal uma escola ligada à comunidade rural formada ao redor dos arrozais. Ali, filhos de colonos recebiam alfabetização, formação religiosa e conhecimentos relacionados ao trabalho agrícola. A construção apontada pela memória local como antiga escola permanece como um raro vestígio daquele projeto social e educacional.

Uma escola no meio dos arrozais

A presença trapista no Berizal não se limitou ao cultivo do arroz.

Os monges organizaram naquela região uma comunidade de trabalhadores e suas famílias, construindo casas, capela e espaços destinados à educação.
Uma pesquisa acadêmica sobre a presença trapista em Tremembé registra que, em 1910, havia escolas no Berizal e no Poço Grande destinadas inicialmente a meninos entre 12 e 15 anos.
A educação fazia parte de um projeto mais amplo: formar os filhos dos colonos, transmitir conhecimentos religiosos e preparar jovens para a vida e para o trabalho dentro daquela comunidade rural.
[1] [2]

Ler, escrever e aprender um ofício

A proposta educacional dos trapistas não se limitava às primeiras letras.

Estudos sobre a experiência de Maristela mostram que as crianças aprendiam a ler e escrever, recebiam catequese e também eram introduzidas às atividades agrícolas.
O mesmo projeto procurava preparar trabalhadores para os novos equipamentos e técnicas trazidos pelos monges. Ferreiros, carpinteiros, marceneiros, pedreiros e outros ofícios foram desenvolvidos entre os trabalhadores locais.
Era uma educação profundamente ligada à vida prática: a escola, o trabalho, a agricultura e a formação religiosa faziam parte de um mesmo projeto.
[2] [1]

Os filhos dos colonos

Inicialmente, a escola era voltada principalmente a meninos entre 12 e 15 anos.

A expectativa dos religiosos era também despertar possíveis vocações para a vida trapista. Esse objetivo, porém, não teve o resultado esperado.

Com o tempo, a experiência educacional se ampliou. As fontes indicam a presença de meninas e crianças mais novas, além dos filhos das famílias que trabalhavam nas propriedades dos monges. Há registros de que professores formados dentro da própria comunidade passaram a participar do ensino, criando uma experiência educacional ligada diretamente às famílias dos colonos.
[1] [2]

Educação e rizicultura

No Berizal, ensinar também significava preparar uma comunidade para um novo modo de trabalhar a terra.

Os trapistas transformaram áreas úmidas próximas ao Rio Paraíba em extensos arrozais, implantando sistemas de drenagem, irrigação e beneficiamento da produção.
Nesse contexto, a escola fazia parte de uma estrutura maior. Alfabetização, formação religiosa e aprendizagem profissional ajudavam a preparar moradores da região para as atividades necessárias à manutenção daquele complexo agrícola.
A experiência educacional do Berizal, portanto, não pode ser separada da transformação econômica e social provocada pela implantação da rizicultura trapista em Tremembé.
[1] [2] [3]

A construção que permaneceu

A memória local identifica uma antiga construção próxima ao conjunto histórico do Berizal como a escola utilizada durante o período trapista.

O prédio ainda existente constitui uma pista importante para compreender a organização daquele núcleo rural.
A documentação encontrada confirma a existência de escola no Berizal, mas ainda não foi localizada uma planta, fotografia antiga ou registro arquitetônico que permita afirmar definitivamente que a construção hoje preservada corresponde exatamente ao edifício escolar citado nas fontes do início do século XX.
Por isso, a identificação do prédio permanece como uma hipótese fortemente apoiada pela memória local, mas ainda aberta à comprovação documental.
[3]

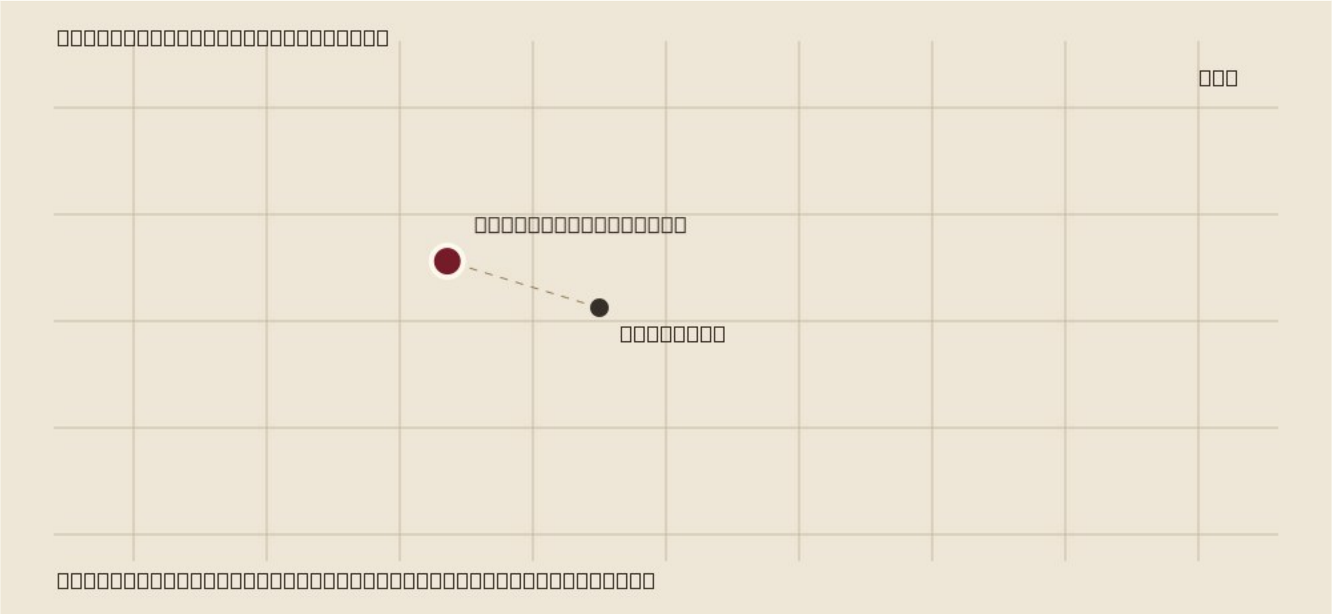
O francês: uma memória a investigar

Entre as lembranças transmitidas sobre a antiga escola existe também a informação de que os trapistas ensinavam francês aos moradores da região.

Até o momento, porém, a pesquisa documental não localizou registros que confirmem especificamente o ensino da língua francesa no Berizal.

As fontes consultadas mencionam alfabetização, catequese, formação agrícola e aprendizagem de ofícios.
A possibilidade de ensino de francês permanece, portanto, como uma memória a ser investigada.

Localização



Esquema geográfico contemporâneo baseado nas coordenadas cadastradas. Ponto vinho: local; ponto carvão: referência municipal. Sem mapa-base, vias ou limites; não representa cartografia histórica.

Referências e fontes

Referências vinculadas ao conteúdo publicado.

[1] Trapistas no Brasil

SILVA, José Pereira da. Trapistas no Brasil. Tese de Doutorado em História Social. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Orientadora: Profa. Dra. Nanci Leonzo.

Fonte consultada no repositório oficial de Teses da Universidade de São Paulo.

Trechos de interesse para o Berizal e a antiga escola: p. 153, contextualizando o Berizal como área trapista voltada à rizicultura; e p. 156, onde o autor registra que, em 1910, os trapistas formaram escolas junto ao mosteiro, no Berizal e no Poço Grande, destinadas inicialmente a meninos de 12 a 15 anos.

Consultado em 3 de outubro de 2026.
https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-20012015-160601/publico/2014_JosePereiraDaSilva_VOrig.pdf

[2] O projeto educacional Trapista para os trabalhadores rurais em Tremembé-SP

RODRIGUES, Ana Claudia Moreira. O projeto educacional Trapista para os trabalhadores rurais em Tremembé-SP. Trabalho apresentado no 30º Simpósio Nacional de História — História e o futuro da educação no Brasil, promovido pela Associação Nacional de História — ANPUH, 2019.

Documento consultado nos Anais Eletrônicos oficiais do 30º Simpósio Nacional de História.

O estudo analisa o projeto educacional desenvolvido pelos trapistas em Tremembé e registra a existência de escola agrícola, alfabetização, catequese, ensino ligado à lavoura e formação de trabalhadores em diferentes ofícios. O texto é importante para compreender o modelo educacional trapista, embora não identifique especificamente o atual prédio do Berizal como sendo aquela escola.

Consultado em 3 de outubro de 2026.
https://www.snh2019.anpuh.org/resources/anais/8/1564753508_ARQUIVO_OprojetoeducacionalTrapistaparaostrabalhadoresruraisemTremembe-SP.pdf

[3] Plano Diretor de Turismo Revisional 2023 — Estância Turística de Tremembé

PREFEITURA MUNICIPAL DA ESTÂNCIA TURÍSTICA DE TREMEMBÉ. Plano Diretor de Turismo Revisional 2023. Tremembé, 2023.

Documento oficial municipal publicado no Diário Oficial e disponibilizado no site institucional da Prefeitura de Tremembé.

Na seção dedicada à Capela do Berizal, o documento reconhece a presença trapista na região, descreve atividades sociais, culturais e produtivas realizadas no entorno e identifica as ruínas do Berizal como evidências paisagísticas do período de permanência dos trapistas em Tremembé. A fonte contribui para documentar o contexto histórico e patrimonial do lugar, mas não identifica especificamente o prédio hoje apontado como antiga escola.

Referência: p. 193 do documento, correspondente à p. 195 do arquivo PDF.

Consultado em 3 de outubro de 2026.
https://tremembe.sp.gov.br/wp-content/uploads/2024/01/Plano-Diretor-de-Turismo-Revisional-2023.pdf

Um acervo em construção

Gerado em 13/11/2026.
Histórias Perdidas · A história por trás da história.
Pesquisas históricas podem receber correções e novas fontes. Consulte o portal para a versão atualizada.